

Curso de Línguas Estrangeiras por Jorge Loureiro Figueira

Bem vistas as coisas, cada pessoa tem a sua própria língua, pessoal e intransmissível. Nem é certo que nos entendamos bem uns aos outros. Mal ouvimos quando falamos. O que dirá o leitor do que viu e ouviu aqui hoje? *A Menor Língua do Mundo* é uma viagem no tempo, para o passado e para o futuro, com o objectivo de desconhecer melhor a língua do outro.

Quando, há dois anos atrás, a Materiais Diversos mandou uma expedição para conhecer as línguas pessoais dos falantes de mirandês, minderico e barranquenho, e celebrar o mistério da língua estrangeira, não estava à espera que Alex Cassal e Paula Diogo viessem a resgatar as línguas de todos os falantes de português e línguas adjacentes, mais os sons que se podem ouvir quando se chama alguém da rua para casa, os cães, os galos, os sinos que se ouvem a grande distância, quando sopra do nordeste algum vento forte. Há quem saia do apartamento em direcção aos montes para ver o céu estrelado sem a poluição das luzes da cidade.

Há quem se apaixone pela observação de pássaros nos pauis. E há quem saia para ouvir outros sons, palavras novas, frases novas, e frases batidas, chavões, lugares-comuns, ditos de novo. Há muito quem viaje para aprender línguas.

Foi um resgate o que aconteceu, graças ao respigar de palavras e sons feitos pelo Alex, pela Paula, pela Bibi, pela Sílvia, pela Zia. Foram resgatadas à passagem e erosão do tempo as ideias que as palavras são. Os idiomas deixam marcas geológicas e há que saber escavar e polir as palavras fósseis antes de lhes soprar vida de novo e de as pôr lado a lado, no futuro, com as palavras mais comumente usadas no teatro. Alex, Paula, Bibi, Sílvia e Zia foram de caravana, como quem vai de DeLorean, ao passado e ao futuro, quais passageiros do tempo. O resultado é um dicionário especial, posto em cena numa ocasião especial, com números, papéis e jogos para desaprender e aprender idiomas.

Uma vez, tendo-me chegado às mãos uma cassete com a gravação do diálogo entre membros de uma tribo agora extinta, uma conversa num ramo do Tupi que já ninguém conseguia traduzir, fiquei eufórico ao descobrir, a muitos quilómetros de distância, uma velha índia, talvez a última sobrevivente do grupo, que sabia falar aquela língua. Pusemos a cassete a tocar, e a mulher desatou a cantar e a esbracejar para o gravador, falava com a máquina como se os outros ainda estivessem presentes, e chorava de felicidade como se tivessem acabado de se reencontrar todos. Estavam juntos, pelo menos enquanto ela fosse viva. Agora já terá morrido, mas pelo menos escutou as vozes dos seus uma outra vez. Deixámos-lhe a cassete e o gravador, claro, era o mínimo que podíamos fazer. Por momentos, passou-me pela cabeça a ideia de que o desaparecimento do grupo tinha sido causado pelo próprio acto de gravar as conversas. Caçar borboletas é primeiro caçar e só depois borboletas.

Ora, quando a Paula, a Zia, a Bibi, o Alex e a Sílvia esperavam encontrar uma espécie de terra de ninguém que separa os exércitos das línguas actualmente em guerra, umas por quererem anexar outras, quando chegaram à linha da frente, cheia de trincheiras idiomáticas, minas ortográficas e arame farpado lexical, encontraram foi a raia linguística, uma terra de todo-o-mundo, terra de estrangeiros e línguas mis-turadas, onde novas palavras, até então estranhas, ou ainda velhas palavras, agora estranhadas, deram coisas e ideias novas. É nessa espécie de palco ambulante que as pessoas se revezam a ser elas próprias.

Se, ao longo da raia, do alto das Terras de Miranda até à vila de Barrancos, as línguas minoritárias são consideradas línguas de contacto entre os corpos massivos do Português e do Espanhol, já o minderico da Serra d'Aire e Candeeiros é uma forma de des-contactar quem não está por dentro, e trocar as voltas ao outro-falante. Mas as actrizes, a brasileira do Mato Grosso do Sul, Bibi Dória, a portuguesa saloia de Mafra, Sílvia Filipe, e a angolana do Bié, Zia Soares, estão inteiradas. Ficamos nós por dentro também, traduzidos por elas.

Postas as línguas em cima da mesa, durante a peça, todo o país é uma raia sonora só, e as fronteiras idiomáticas são só traços.